

DEBATE

Prof. Doutor Rosado Fernandes

A palavra "magma" foi afluada nos discursos do Senhor Secretário de Estado e de José António Fernández. Magma é uma espécie de caldeirada que, de facto, pode preocupar as pessoas. Está agora na moda, tal como vários chavões que entram no discurso dos intelectuais portugueses.

Nesta comunicação, que se devia chamar "Portugal, a Educação e a Europa no Horizonte dos Anos 2000", foi esquecido o problema mais importante para nós, que é aquilo que Alexandre O'Neil chamava: "a questão que eu tenho comigo próprio", o nosso país.

Falou-se também em sistemas, outro chavão da tecnologia educativa, e Eduardo Marçal Grilo apontou muito bem que o problema não são os sistemas. Um país pode funcionar bem com um mau sistema, mas não pode funcionar bem num sistema educativo sem bons professores. É evidente que a questão do bom professor difere de país para país, com espíritos completamente diferentes.

O Prof. Alberto Amaral fez uma intervenção muito importante, falando do excessivo pendor economicista no pensamento actual. Contudo, eu acho que, no caso de Portugal, esse mesmo pendor nunca existiu. A verdade é que, quer queiramos, quer não, o nosso

inconsciente colectivo repudia a visão economicista, repudia mesmo qualquer ideia de boa gestão dos estabelecimentos de ensino, ao contrário dos chamados liberalões, que esses então só vêem tudo do ponto de vista economicista. Encontrar um denominador comum para estes dois grupos que se defrontam, é difícilimo. Encontrar um denominador comum entre Alfredo de Sousa e Silva Lopes, que cito por serem meus conhecidos, é sempre um grande problema: - neste momento as duas linhas já se defrontam.

Quando o Prof. Alberto do Amaral fala de Erasmo, eu gostava de lhe dizer, reportando Erasmo à causa portuguesa, que ele foi criticado e repudiado no Congresso de Valladolid em 1527, antes de ser posto no Índice pela Europa civilizada. Nos fins do séc. XVI, Erasmo não podia ser lido. Portanto, houve sempre, e ainda bem, estas grandes diferenças. Para mim, o ter-se falado aqui de Portugal era importante, uma vez que somos o produto de uma política educativa sistemática da Contra-Reforma.

Contrariamente àquilo que se pensa, a Idade Média tinha as suas Internacionais Religiosas: Cluny e Cister desempenharam uma função civilizadora no país absolutamente notável e a Idade Média portuguesa, muito embora muitas vezes mal conhecida, não é certamente tão negativa como nós poderíamos pensar.

O mesmo não se passa com o Renascimento que, a par com o Concílio de Trento, veio trazer aspectos extremamente punitivos para os Portugueses, na medida em que, juntamente com Espanha, nos fechámos. Praticamente só agora, com a Integração, é que nos voltámos a unir à tal Europa. Houve centenas de estudantes que

percorreram a Europa de Quinhentos até Seiscentos num espírito que quase apelidaria de internacionalista.

O séc. XVII já não tem ninguém - era a altura do domínio espanhol em Portugal - e a verdade é que, ao olharmos para os currículos das nossas universidades no que diz respeito à educação, nós vemos que Coimbra, em 1612, deixa de ensinar Matemática por falta de alunos e que, muito embora houvesse legislação para que se praticasse Anatomia nos seus cursos de Cirurgia, nunca o fez, certamente também por motivos inquisitoriais ou pela repugnância que tinham em os cidadãos em observarem a própria natureza, em vez de sobre ela dissertarem.

O nosso problema, portanto foi sempre essa timidez estranha perante a observação perante a observação, dando uma preferência nítida à Dialéctica, de que também sou especialista, não me excluindo, portanto, de dizer que também sou seu admirador, tal como da Erudição. Em vez de observar e de pisar o terreno, nós damos um privilégio enorme à Erudição. Nisso vamos ficar em nítido desfavor em relação a países que, há já muitos anos, têm um pensamento pragmático que, cá no íntimo, nos repugna. Definimo-los como utilitaristas, enfim, gentes abaixo de toda e qualquer classificação.

Porque na educação, naturalmente, homens e mentalidades são importantes, a que acresce o problema da nossa falta de instituições que objectivamente defendam o direito dos cidadãos. As pessoas pensarão, por exemplo, que o progresso em Portugal se faz com máquinas e computadores e, certamente, com uma mudança de mentalidade. Eu acho que, por exemplo, Portugal não vai ter progresso enquanto não tiver um sistema de Justiça adequado, em que as pessoas possam defender os seus direitos em relação à Escola, às Empresas e ao

Estado, sem que lhes seja permitido sair da subserviência em que se encontram e em que está criado um denominador comum a todos - um medo espantoso do Estado - sobretudo quando este se reveste das feições de funcionário das Finanças. Não se criou em nós um espírito de liberdade que caracteriza outros países, que têm, eles sim, instituições que os defendam. O caso da Inglaterra é um caso típico. A própria França, com toda a sua tradição jacobina, também é um país que preserva as instituições, assim como a Alemanha.

No problema da aldeia global, com a abertura das fronteiras do Acto Único, não são só os agricultores que vão sofrer. É evidente que, para exportarmos o produto e para sermos concorrenciais (não no sentido banal, económico), nós temos de ter condições nacionais que nos permitam ser concorrenciais. Não o somos só por produzirmos mais barato ou por ensinarmos melhor, mas, sim, porque dispomos de uma aparelho de Estado que corresponde às nossas necessidades, e digamos, de um grupo de cidadãos que nos compreende e que nos apoia. Neste momento, em Portugal, nós não somos competitivos, devido às condições macro-económicas criadas para combater a inflação. Dando como exemplo um pequeno indicador económico: nós não somos competitivos, não porque não produzamos tão bem, mas porque nesta altura algumas fábricas já preferiram importar certos produtos, devido aos juros que cá são cobrados, em vez de os produzirem elas próprias, mesmo quando concorrenciais.

O mesmo vai acontecer na Educação, porque é evidente que nos perguntamos, por exemplo: o que vai suceder ao Instituto Superior Técnico, se os estudantes portugueses poderem ir com facilidade estudar para um Instituto que lhes dê mais condições sociais,

professores mais práticos, que lhes garanta emprego, Institutos de onde saíam tendo desmontado 50 motores durante o curso e não apenas um e tendo frequentado fábricas de montagem? Está aí o problema.

Vejamos o caso do ensino do Grego, longe que está desse âmbito. 90% dos licenciados saíam sem saber Grego nem Latim, pelo menos na língua, mas sabem tudo o respeitante à bibliografia secundária, às grandes linhas de interpretação literária, a todo aquele blá-blá-blá que está ligado à Literatura. Não sabem, no fundo, o âmago, a essência da sua própria profissão. O fulcro do problema é pela repetição, ou pelo trabalho manual, nós conseguirmos adquirir conhecimentos dos chamados universais.

Eu julgo que, na discussão da Europa, além da embófia dos funcionários e altos funcionários comunitários que recentemente presenciámos, quando foram contrariados, por aquele pequeno acidente dinamarquês - a forma como trataram os dinamarqueses, que fez com que um colega meu chegasse à televisão dinamarquesa e dissesse: o Sr. Delors não tem o direito de vir à televisão dizer o que disse do nosso povo (e eu sei que ele votou a favor de Maastricht, vejam bem!). O Sr. Delors - disse ele - é um funcionário extremamente bem pago, em cujas funções não está o pronunciar-se politicamente sobre as nossas acções. De maneira que foi uma atitude que não suspeitava que houvesse ainda na Europa, embora seja normal em Portugal, de qualquer coisa ser transformada em artigo de fé. E quem não respeita o artigo de fé - "sit anathema", portanto, sujeito à excomunhão. Note-se que não sou "laico nem republicano", tenho de facto uma educação católica como toda a gente. Não pensem que sou influenciado por qualquer linha mais esotérica, de forma alguma! Mas as luzes do meu

entendimento levam-me a pensar que, neste momento, a Comunidade, se de facto só acredita em sistemas e os quer impôr, vai ser um fracasso. O que se está a passar em Itália preocupa-me sobremaneira. A Lega Lombarda está de vento-em-popa, o Vlamse Volk na Bélgica, de que nós praticamente não ouvimos falar, é assunto diário de qualquer conversa de flamengo na Bélgica. É o caso canadiano, já a nível planetário, não deixa de me preocupar imenso, para não falar no problema catalão.

Julgo, portanto, que se a Comunidade continuar naquele sistema de nos uniformizar a todos, de nos querer fazer todos da mesma altura e com a mesma mentalidade; se ela continuar nessa senda - e eu julgo que é por não ter medo, após o desaparecimento do Bloco Comunista, que perdeu completamente a vergonha, esta é que é a verdade -, se a Comunidade continuar a funcionar desta forma, vamos ver aparecer, juntamente com esse internacionalismo burocrático que eles nos querem impôr, um nacionalismo buçal, que eu temo tanto quanto o internacionalismo burocrático.

De maneira que, no respeitante à Educação, eu acho que, em Portugal, aqueles que dela se ocupam deviam pensar, muitas vezes, em tarefas mais modestas. Julgo que era fundamental ensinar o país inteiro a ler. Por mais que me digam, o país não sabe ler. Haverá uma percentagem mínima de analfabetos, mas há uma percentagem imensa de iletrados. Não tenham a menor dúvida, mesmo saindo da Universidade, há pessoas que não sabem escrever uma página. Há que começar pelos "básicos", pelos universais dos Escolásticos, por aquilo que, efectivamente, é modesto. Eu até quase que deixava funcionar o sistema que está, punha era as pessoas a funcionar bem. O problema

não são os sistemas, o problema é que as aulas são mal dadas. O problema não é ensinar-se qualquer disciplina de tecnologia, o pior é que os alunos saem dela sem saber fazer o que aprenderam. O problema é que no capítulo da Fitopatologia, muitas vezes nunca viram uma planta doente a não ser em "slide" ou em vídeo. Há qualquer coisa aqui que nos falta. Acho que é uma questão de mentalidade e da "mudança". Sem que o problema do humano, que é o nosso, essencial, ontológico, velho, secular, seja resolvido, não há sistema nenhum que perdure. Acho que isso deveria ser aqui objecto da nossa meditação.

Eng.º Ricardo Charters d'Azevedo

Sou obrigado a sair um pouco do âmbito do debate, pois após ter ouvido José António Fernández sobre a "eurocracia" em Bruxelas, passei a ter um problema: sou o único funcionário da Comissão das Comunidades Europeias aqui presente e devo gastar o pouco do tempo numa explicação sobre esta "doença" dos europeus - a eurocracia. Tal farei, mas de uma forma breve.

- Nós devemos-nos concentrar sobre os nossos valores e as nossas capacidades. A Europa está muito melhor equipada que os Americanos ou os Japoneses. A zona do Pacífico? É uma ilusão. A Europa é uma

realidade. Nós somos muito mais fortes que os outros. Mas temos uma "doença": não acreditamos em nós próprios e desconfiamos dos "eurocratas" de Bruxelas. Não me considero como um burocrata ou um tecnocrata. Há bem pouco tempo era um dos vossos na vossa "burocracia". A maioria dos que estão nesta sala não se consideram burocratas. O que fazemos em Bruxelas é política e nada mais, sob o controlo dos Estados Membros e do Parlamento Europeu. Em mais de um em cada dois casos, são estes que nos forçam a agir. Os funcionários comunitários são a expressão da Comunidade. Se queremos ouvir uma música europeia, é necessário não disparar sobre o pianista; e o pianista é a Comissão.

As decisões tomadas a nível comunitário são feitas pelo Conselho de Ministros, após se ter discutido o assunto com "humildes e respeitosos funcionários" das administrações dos vários Estados Membros.

Consequentemente um programa como o Erasmus não é um programa da Comissão, é um programa da Comunidade, de todos nós que foi aprovado tanto pelo Conselho de Ministros da Comunidade com o acordado das instâncias nacionais, do Parlamento Europeu e do Comité Económico e Social da Comunidade. A sua execução é feita como é feita, porque os Estados Membros assim o quiserem e assim foi aprovado no Conselho de Ministros. Este tem ainda o poder de o modificar.

- Voltando aos assuntos do debate devo lembrar a título de exemplo, que em relação ao que o Professor Rosado Fernandes disse, que a Educação Sexual nas Escolas só foi iniciada quando as pessoas começaram a não trabalhar nas quintas, nas empresas agrícolas, quando vieram viver na cidade e passaram a não ver nascer os animais. Daí as crianças nas escolas começaram a perguntar como nasce a galinha ou um pinto ... Explicar isto aos miúdos é por vezes complicado.

- Em relação ao que foi afirmado sobre o sistema educativo e de formação concordo que não são os sistemas que estão em causa, mas o indivíduo. Prevejo, no entanto, a breve trecho que o indivíduo se "revolte" e empreenda uma "revolução", que venha a tomar conta dos sistemas, que dirigidos realmente neste caso por "burocratas", não resolvem o seu problema de "consumidor".

- Nós estamos aqui afastados neste canto com sol - cheguei ontem de Bruxelas, onde estavam 3 graus e chovia. Mas os problemas que aparecem hoje na Europa são muito diferentes daqueles que são discutidos aqui. O que se passa na Europa é que temos, realmente, um desemprego enorme - Portugal não o tem tido até hoje; as Universidades formam na Europa para o desemprego - em Portugal há ainda hoje emprego (3,5% de taxa de desemprego em comparação, por exemplo, com os 17% em Espanha). Portanto, há hoje na Europa problemas muito mais graves e maiores do que aqueles que existem em Portugal.

- Existem igualmente ameaças exteriores muito grandes, ainda não faladas aqui. Lembro-vos, por exemplo que o Norte de África, tão próximo, tem actualmente 200 milhões de habitantes, número que

aumentará para o dobro no início do novo decénio. Serão 400 milhões de habitantes à nossa porta e jovens, na sua grande maioria. O que irá acontecer? Tal como me disse um colega em Bruxelas, e pondo de lado qualquer alusão a racismo, "em Portugal já existem pretos que não são dos nossos", que vêm de países que não são de língua portuguesa, mas da Costa do Marfim, Marrocos, entre outros.

Os "nossos" são os que vêm das antigas colónias - dos PALOP - sabem português, são católicos, gostam de futebol, lêem a Bola e têm uma prima na Amadora. Os que vêm da Costa do Marfim não sabem português, não gostam de futebol nem lêem a Bola, não são católicos e não têm conhecimentos aqui. São destes problemas, como a imigração, o acolhimento (onde se coloca o problema de emprego) e a integração pela educação e pela formação que aparecem hoje na Europa com outros povos e outras religiões. Religiões com uma força de coesão interna muito maior que a católica ou a protestante. E o problema coloca-se de os educarmos aqui na Europa ou no seu país apoiando simultaneamente o seu desenvolvimento económico para evitar a imigração para a vizinha Espanha, para Portugal.

- Mas a Educação "obriga" emprego e para haver emprego é necessário o bloco economicista, compreendendo a tríade Educação/Formação/Emprego. As questões industriais estão consequentemente ligadas. Relembro o caso do Japão onde o Ministério da Indústria e da Tecnologia tem responsabilidades muito fortes na formação e na educação. Exemplificando com um outro caso: um país de que pouca gente fala aqui em Portugal, a Coreia do Sul. Esta tem hoje como um dos objectivos levar 80% dos jovens a entrar no ensino superior. A França traçou como objectivo atingir 75%, mas

repare-se que estamos perante situações que não são comparáveis, pois quando tal for atingido, no início do próximo século, a idade média da população da Coreia do Sul será de 28,9 anos e a da França de 37,3! Os impactos, nomeadamente em termos económicos, destas medidas de política, serão muito diferentes.

- Onde eu quero chegar é que o indivíduo se "revoltará" se o sistema não lhe resolver os problemas; problemas estes que estão profundamente ligados à tríade Educação/Formação/Emprego. Se os professores não ensinarem para que a entrada da vida activa tenha sucesso, se a dimensão europeia não for explicada, se se continuar a confundir o cidadão com questões como aquelas que a mesa apresentou como a "normalização dos autoclismos para um menor consumo de água tendo em atenção o melhor design das rampas das sanitas", se os problemas nacionais de educação e de formação não são resolvidos, com inteligência e inovação - o que não passa naturalmente pelo aumento dos orçamentos e pela criação de novas direcções-gerais (lembro que nem a Comunidade Europeia nem naturalmente a Comissão das Comunidades têm competência na área da educação), é natural que o indivíduo/consumidor se revolte e exija uma formação capaz, de sucesso e de nível mais elevado. Lembro-me, por exemplo que a França e a Espanha aumentaram o número de estudantes que acedem ao ensino superior, mas têm uma taxa de insucesso muito grande. Por outro lado, o Reino Unido e a Suécia com um acesso ao ensino superior limitado, apresentam uma taxa de sucesso elevada. Daí a inferir-se, em alguns países, que não vale a pena frequentar o ensino superior e daí a procurar outras soluções de aprendizagem, vai um passo. Mas a revolta surgirá, a revolta contra o sistema que alargando-se para dar resposta aos seus anseios, os defrauda. É esta

revolta, é esta situação que nos preocupa em Bruxelas e que procuramos apresentar aos Estados Membros soluções imaginativas no âmbito da Qualidade na Educação.

- Finalmente, como reflexão final - o custo da formação. Não é o parâmetro "custo da formação" ou o "custo por aluno" do ensino superior que conta. É o custo - e aqui estou de acordo com o Prof. Rosado Fernandes - da aprendizagem. Será que o aluno aprendeu? em quanto tempo? e qual o custo de oportunidades por não ter aprendido mais cedo?; e se não aprendeu por culpa de um professor que não soube explicar convenientemente, será a este que devo pedir responsabilidades/indemnização? Não podemos continuar a determinar somente o custo do tempo de frequência do sistema, mas o custo de aprender. É este custo que interessa, por exemplo, a um quadro de uma empresa quando decide frequentar um curso de reciclagem; ele quer saber quanto tempo (real) leva a aprendizagem e somente depois quanto custa a propina. A esta ele tem de somar o custo do seu tempo, tempo em que ele não trabalha na empresa.

Prof. Doutor Veiga Simão

Não deixa de ser interessante que o Prof. José Fernández e o nosso Reitor Alberto Amaral tenham desenvolvido teses excelentemente concebidas mas, naturalmente, com algumas contradições. Por outro lado, Marçal Grilo deu ênfase à dimensão europeia e às novas hierarquias, colocando essa questão a todos nós.

O meu primeiro pensamento leva-me a interrogar em voz alta se a dimensão europeia se resume a ajustamentos, a harmonizações, a racionalizações, ou seja, gerir o que existe, o que naturalmente determinará novos interesses, interesses fortalecidos e outros destruídos. Será essa a forma de olhar para a dimensão europeia? A Europa não pode ser caldeirão, não pode ser magma; a Europa tem que ser mosaico. Então qual o peso nas decisões globais das componentes desse mosaico? Qual o peso das linguagens? Qual o peso do Português? A Europa estará em decadência e para a evitar, reajusta-se? Ou está em rejuvenescimento? Quais os indícios inovadores? Eu gostava de ouvir os oradores sobre este ponto.

A certa altura, o Prof. Fernández afirmou que estamos a construir a Europa para abrir novos caminhos. De alguma maneira, a Europa irá ter uma nova missão no futuro, no Mundo. Mas qual é essa missão? É possível através dela unir os portugueses, espanhóis, franceses e ingleses sem reajustamentos violentos. Será possível erguer algumas bandeiras da Europa perante o Mundo? A verdade é que por enquanto os cidadãos as desconhecem. Eu também não vou dar uma resposta, estou apenas a fazer uma pergunta.

No que diz respeito aos sistemas educativos, sejam eles sistemas ou agregados de escolas, eu diria que, felizmente, estão sempre em crise, e viverão sempre em reforma. Não há uma reforma, pois ela é atitude permanente. E nesses sistemas só pode haver modificações em termos de progresso criativo se alguns alicerces básicos forem mantidos, designadamente, os bons professores e os seus viveiros. Não há reformas sem bons professores e quando se tenta fazer uma reforma sem participação activa dos professores e sem os qualificar,

está-se condenado irremediavelmente a um insucesso. Prolifera então uma demagogia sem sentido. Por outro lado, para que os professores sejam activos, têm de lhes ser dadas condições de trabalho ou projectá-las no próximo futuro, com infra-estruturas sadias. Isto é tanto mais necessário, quanto os jovens, ao contrário do que muitas vezes se diz, entram na escola mais abertos para a vida. É que a escola cada vez corresponde menos às suas aspirações.

O Prof. Rosado Fernandes disse algo importante: o analfabetismo literário pode estar a diminuir e, com certeza, tem vindo a diminuir ao longo dos últimos tempos. Em contrapartida, o analfabetismo funcional está a aumentar de uma forma aterradora, por tal maneira que, se efectivamente os futuros sistemas de avaliação não forem doseados numa harmonia perfeita com os professores, teremos analfabetos funcionais em percentagens que poderão ser dramáticas para o nosso País, tal como o é, por exemplo, nos Estados Unidos da América.

Enfim, como se visiona o nosso futuro na dimensão europeia? Como actuará essa dimensão, impondo-nos qualidade e excelência, associando-se às forças inovadoras nacionais e abanando as estagnadoras? Onde estão as hierarquias?

Don José Fernández⁽¹⁾

Tanto los comentadores como los intervinientes espontáneos en el debate han hecho reflexiones de gran calado. Permítanme tan ilustres contertulios unas reflexiones suscitadas por este rico debate.

La primera reflexión tiene que ver con un cierto escepticismo y pesimismo sobre el proceso de construcción europea, que ha aparecido en varias intervenciones aquí, y que se respira en los medios de comunicación europeo este último tiempo. Tras una etapa de euforia, de nuevo la crisis de europesimismo. Harían la los europeístas convencidos (y conformistas) en esperar que vuelva mágicamente una etapa de optimismo. Como he intentado decir en mi comunicación, este momento es decisivo y en él aparecen todos los fantasmas nacionalistas del pasado, inclusive entre cierta "gauche divine" europea que parecía europeísta. Cuando se está más cerca de la cumbre, puede ser el momento del no-retorno o de la caída estrepitosa, con consecuencias graves para todos los pueblos de Europa.

(1) NOTA: El autor ha incorporado al texto de su Comunicación algunas precisiones como reacción a los comentarios del coloquio, sobre todo en lo relativo a la dimensión europea de la educación. En esta intervención oral sólo han quedado las reflexiones relativas al proceso de construcción europea.

Por eso, aunque todas las preguntas y dudas sean legítimas, aunque todas las críticas tienen fundamento, aunque la mayoría de ellas sean justificadas, hemos de preguntarnos si nosotros no podemos contribuir a dar respuestas a las preguntas y a erradicar los males que denunciarnos. Si dejamos que las cosas sigan como están, debemos preguntarnos hacia dónde nos lleva este aluvión de críticas sin salida. Si no hay una reacción sana de los europeístas críticos, el fundamentalismo de uno o otro signo no nos llevaría a la parálisis de la construcción europea, que, sin embargo, todos cuantos han intervenido parecen encontrar deseable o necesario de una o otra forma?

Pareciera como si al tiempo que criticamos a los eurócratas, les estuviésemos entregando a ellos y sólo a ellos la corrección del rumbo. Aquí hay algún contrasentido. Si nos queremos una Europa uniformizada, homogeneizada, si tanto nos desagrada el "internacionalismo burocrático" y además somos tantos, en todos los países, a querer que tal estado de cosas cambie, por qué todos los que queremos una "Europa-mosaico" (para usar la feliz expresión del Prof. Veiga Simão) no intervenimos políticamente en nuestros países para que cambie el rumbo?

Me parece que hay en todo esto un ejercicio muy común entre los europeos de todas las latitudes y épocas y que yo no colocaría entre las "virtutes majorum", a las que se refiere la inscripción de la Praça do Comércio. Me refiero, por un lado, a la invención del maniqueo para luego atacarlo sin piedad, y, por otro lado, a una tentación aparentemente contradictoria que es la autoflagelación.

Ricardo Charters d'Azevedo ha aludido a ambas. Por un lado, es totalmente cierto que los europeos hemos alcanzado un nivel de vida,

de bienestar, de conocimientos, de paz, como nunca lo tuvimos en nuestra historia. Nadie duda de que el desarrollo alcanzado se debe en gran medida al proceso iniciado con el Mercado Común en los años 50. Pues bien, en el momento de dar el salto decisivo, los europeos titubeamos, nos ponemos pesimistas, perdemos la fe y la estima de nosotros mismos. Esa falta de confianza en nosotros mismos es tal vez el problema principal.

Por otro lado, el malo de la película, el maniqueo quien és?. El poder legislativo principal reside en los Consejos de Ministros. Si comienza una polémica de este tipo, la defensa de los funcionarios de Bruselas es fácil. Y Ricardo la ha hecho muy bien. En el caso de la educación y de la formación, cada programa es discutido línea a línea por los funcionarios nacionales en los comités que preparan los Consejos de Ministros. La ejecución y desarrollo del programa se hace bajo la supervisión y control de los funcionarios nacionales.

La segunda reflexión es para decir que esta disputa no conduce a ninguna parte. La verdad simple es que los reglamentos sobre el tamaño de las euro-manzanas que ahora criticamos, queridos amigos, han sido hechos por funcionarios que, de aquí o de allá, son ciertamente europeos, no americanos ni asiáticos ni africanos. Ahí tal vez resida el problema. El Prof.Grilo lo ha dicho muy bien: es el deslizamiento desde el protagonismo de la dimensión política del acto fundacional hacia lo que se llamó Europa de los mercaderes primero, y hacia la toma de decisiones por parte del entramado funcional (europeo o nacional, qué más da!). No es preciso que insista aquí en el tan criticado deficit democrático. No son los eurócratas quienes se

oponen a un Parlamento Europeo que legisle y controle. Son los jefes de Estado y de Gobierno quienes todavía no están dispuestos a dar el paso. Suscribo a este propósito el comentario atinado del Prof. Grilo sobre la crisis de liderazgo político que atraviesa Europa y tal vez el mundo. El escenario es conocido; cuando no hay un impulso político, una orientación clara, la burocracia ocupa su lugar, intentando aplicar soluciones administrativas para resolver problemas políticos, siendo las consecuencias siempre desastrosas.

La tercera reflexión se refiere a la cuestión de fondo formulada el Prof. Veiga Simão: Cual es la misión de Europa em el mundo? Por qué es necesaria Europa? En esta sala hay doctores capaces de responder a esas preguntas con gran profundidad. De alguna manera, ya lo han hecho a través de las preguntas y hasta de las críticas. Me atrevo apenas a recordar tres razones, que están en la mente de todos, que hacen que Europa sea necesaria.

1) Europa ha de ser un factor de reequilibrio de los mercados mundiales y de la economía mundial. Europa puede preservar su prosperidad siendo al mismo tiempo generosa y solidaria con todos los pueblos y países a los que expolió en el pasado. El silogismo es simple: Este nuevo orden económico es imprescindible para la paz del mundo. Ningún país europeo puede juzgar en solitario tal rol. Ergo...

2) La contribución al nuevo orden económico es la condición indispensable para que Europa desempeñe con credibilidad un rol político fundamental en la articulación del mundo tras la desaparición del mundo bipolar preexistente. Es necesario

insistir cuánto necesitan de una Europa unida los pueblos que se han quedado desamparados, o/y dramáticamente enfrentados entre sí, tras la disolución del bloque comunista?

3) **Los europeos necesitan de Europa por y para ellos mismos.** El Profesor Amaral ha hecho unas reflexiones agudas sobre el papel pasado y presente de las Universidades en Europa. El Profesor Rosado Fernandes ha hecho una incursión fascinante y crítica sobre las relaciones pasadas de Portugal (que en gran parte serían válidas también para España) con los movimientos "fundadores" o "constitutivos" de Europa desde la Edad Media hasta hoy. Es cierto que algunos países tuvimos un Renacimiento pasado por agua y que consideramos herética la Ilustración, innecesarias las Matemáticas... o los inventos de la era industrial. Nuestro Unamuno lo acuñó en una frase: *"que inventen ellos"*. "Ellos" eran los otros europeo. Pero Portugal y España no son los únicos que tienen carencias. La ética protestante y el empirismo no han inventado un sistema judicial o educativo impecables. Todos los europeos, de los 12 países, miembros de la CE y los de tantos otros pueblos y países, necesitamos Europa, para encontrar soluciones nuevas, comunes y diversas al mismo tiempo, a los viejos y a lo nuevos problemas. Es un erro mirar hacia el Norte como si en su pasado estuviese el futuro de los que nos quedamos "atrasados".

Sin negar nuestras lagunas históricas, hoy hemos de ver nuestras ventajas y capacidades. Hoy estamos todos los europeos en el mismo barco. Se trata de dar un salto hacia adelante, dando coherencia y equilibrio y armonía a todas las partes del mosaico europeo. **Hemos de crecer a partir de, y poniendo en común, todas nuestras**

raíces espirituales, técnicas y organizativas. Pero hemos de crecer. Estamos en una encrucijada semejante a la de 1500. La mutación puede ser mucho más profunda, sobre todo porque de ella podemos ser conscientes, y hacerla nuestra, millones de personas. Por entonces, hasta el mismísimo Galileo o Maquiavelo tenían que parapetarse en el pasado para proponer el futuro. Los primeros signos de un nuevo Renacimiento europeo están en todas partes para quien quiere verlos, pero no están necesariamente en los países más ricos. Y si los primeros europeos negros, que son portugueses, y el edificio Marconi fuesen signos del Renacimiento intercultural de Europa?

Mucho me temo que tal sugerencia provoque una mezcla de escepticismo y de pudor entre muchos de Vds. No quiero ser adulator, pero les invito a que, sin dejar de ser autocríticos, consideren la capacidad de imaginar y diseñar futuros que hay ahora mismo en esta sala. Según los expertos esa capacidad es más crucial hoy por hoy que el PIB. Es cuestión tal vez de añadir a eso, como decía Charters d'Azevedo, fe y confianza en nosotros mismos.